

TRÊS PROBLEMAS CULTURAIS NA ÓTICA DE ORTEGA Y GASSET: O LIVRO, A LÍNGUA E A UNIVERSIDADE

Veríssimo de Melo

Univ. Federal do R. G. do Norte

Em 1983 — precisamente a 9 de maio de 1983 — transcorreu o primeiro centenário de nascimento de José Ortega Y Gasset — “o máximo filósofo espanhol”, no dizer de seu discípulo Julian Marias; “o pensador mais universal que produziu, até hoje, a Espanha contemporânea”, segundo Gaspaz Gómez de la Serna.

Que significação maior teve ou tem esse acontecimento para a cultura ibérica e mais particularmente para o Brasil?

Em primeiro lugar a oportunidade para rever a sua obra e refletir sobre o seu pensamento. Suas teses, abordadas desde o começo à metade do século XX — não perderam a sua estuante atualidade. Tendo nascido no século passado, Ortega y Gasset continua sendo poderoso pensador dos nossos dias, como estará, certamente, íntegro e vigoroso no futuro.

Por outro lado, este é o momento supremo para homenagear sua memória, exaltar-lhe o espírito privilegiado e difundir seu pensamento fecundo entre os jovens.

Apesar da extraordinária importância desse filósofo e ensaísta espanhol, é lamentável constatar que na nossa contemporaneidade brasileira ele é ainda muito pouco conhecido. Em verdade, o que se sabe concretamente sobre Ortega y Gasset no nosso país se resume apenas à leitura de sete dos seus livros traduzidos: “A REBELIÃO DAS MASSAS”, “ESTUDOS SOBRE O AMOR”, “O HOMEM E A GENTE”, “QUE É FILOSOFIA?” e “ORIGEM E EPÍLOGO DA FILOSOFIA”, “MEDITAÇÃO DA TÉCNICA” e “MEDITAÇÕES DO QUIXOTE.” E o resto de sua obra notabilíssima? Ortega y Gasset examinou em profundidade todos os grandes problemas da nossa época. Os temas fundamentais da cultura universal foram a sua preocupação incessante. A contribuição que ele nos oferece em qualquer desses aspectos que estudou é inestimável.

Permitam-nos uma confissão: Ortega y Gasset foi uma das nossas paixões literárias à primeira vista. Aqui e ali, através dos anos, lendo outros autores, fomos encontrando citações de sua obra. Sempre observações e expressões da mais elevada sabedoria. “ESTUDOS SOBRE O

AMOR” foi o seu primeiro livro que adquirimos, em tradução brasileira. Obra valiosíssima de informações, erudição, interpretação do fenómeno em nível universal. Uma beleza de clareza vocabular. Amigos e escritores, entretanto, aos quais falávamos sobre esse livro — pouquíssimos o conheciam.

Daí foi nascendo interesse crescente em ler outros e todos os seus livros. Descobrir autor digno de nos ensinar muitas coisas é uma das alegrias mais intensas e gratas da vida intelectual. É necessário ademais conhecer-lhe a vida íntima, métodos de trabalho, influências, sonhos e lutas. A vida dos grandes homens é sempre espelho enriquecedor e valiosíssimo.

Em dois anos, adquirimos doze livros de Ortega no original e uma tradução, tendo lido mais quatro no original e quatro traduções em bibliotecas públicas, perfazendo um total, até então, de vinte e um volumes lidos. Recentemente, iniciamos a leitura de suas Obras Completas. Falta-nos, entretanto, a leitura de vários outros livros, inclusive alguns póstumos e não incluídos em suas Obras Completas. De certa forma, tudo isso é bom e é mau. Bom pelo prazer que ainda nos espera de saborear a leitura restante de sua obra. Mau, porque nos falta o conhecimento de parte talvez substancial de seus livros.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Breve notícia biográfica sobre José Ortega y Gasset cabe aqui para situá-lo no tempo. Serve, ademais, como informação sobre o homem e o filósofo aos que despertarem para o valor excepcional de sua mensagem profunda. Seu pensamento é de atualidade permanente, porque forjado na erudição dos clássicos e iluminado por inteligência fulgurante, verdadeiramente genial. Não há outro adjetivo melhor para qualificar o filósofo e ensaísta espanhol.

Ortega y Gasset nasceu em Madrid, em 1883, tendo falecido na mesma cidade a 18 de outubro de 1955. Apenas setenta e dois anos vividos intensamente no plano da cultura, da criação e elaboração de obra intelectual de gigante.

Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Madrid, doutorou-se em 1904. Foi, entretanto, na Alemanha que aperfeiçoou seus estudos acadêmicos: em Leipzig, Berlim e Marburgo.

Aos vinte e sete anos de idade conquistou a cátedra de Metafísica na Universidade Central de Madrid. Em 1923 fundou a “Revista do Occidente” — uma das publicações mais notáveis da Espanha em todos os tempos. Sua geração, que ele liderou, foi a de Marañón, Perez de Ayala,

Picasso, Ramón Gómez de la Serna, Juan Ramón Jiménez. Residiu na França, Holanda, Argentina e Portugal. Em Madrid, em 1948, fundou com Julián Marías, o Instituto de Humanidades, onde lecionou vários anos. Proferiu conferências nos EE.UU., Alemanha e Suíça.

Em 1980 foi fundada em Madrid a Fundação Ortega y Gasset, por iniciativa de sua ilustre filha profa. Soledad Ortega, que preside atualmente a entidade. Objetiva a nova instituição cultivar a memória do sábio espanhol, reunindo o que se tem escrito sobre ele e promovendo reuniões e simpósios sobre temas e estudos orteguianos. Graças à gentileza da profa. Soledad Ortega, divulgamos neste trabalho excelente fotografia do Mestre, uma das últimas fotos que conservam a sua saudosa imagem física.

O PENSAR FILOSÓFICO DE ORTEGA

Afirmção famosa de Ortega seria o ponto de partida do seu sistema filosófico da razão vital. Está no livro “Meditaciones del Quijote”, pág. 30: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo a ela não me salvo eu.” Significa que o homem está na História, a vida é a realidade radical, o homem está subjugado à sua liberdade.

Ao analisar o que é “o social” e o que é a “sociedade” — Ortega nos dá uma síntese do seu pensar filosófico. E tudo porque chegou à conclusão paradoxal sobre aqueles conceitos: “... os livros de sociologia não nos dizem nada claro sobre o que é o social, sobre o que seja a sociedade.” Nem Augusto Comte, nem Spencer, nem Bergson. Até mesmo Durkheim, com alguma exceção, mas assim mesmo “sumamente parcial” — todos esses autores — acrescenta — “passam sobre esses fenômenos como sobre brasas.” Talvez se possa resumir, em brevíssimas palavras, o pensamento filosófico de Ortega nestes itens, conforme ele próprio anotou no livro “O Homem e a Gente”, pág. 96:

I — A vida humana é a de cada um, vista dele mesmo. É sempre a **minha** — que é pessoal.

II — ... consiste a vida em achar-se o homem, sem saber como nem porque, obrigado, sob pena de sucumbir, a fazer sempre algo numa determinada circunstância. Vive-se em vista das circunstâncias.

III — A circunstância apresenta diversas possibilidades de se fazer. Exercemos a nossa liberdade — mas somos livres à força. A vida é permanente encruzilhada e constante perplexidade. Temos de escolher em cada instante se, no instante imediato, ou em outro futuro, vamos ser aquele que faz isto ou aquele que faz outra coisa. Portanto — cada um está escolhendo o seu fazer — incessantemente.

IV — A vida é intransferível. É constante responsabilidade ante mim mesmo. É necessário que o que eu faça, pense, sinta ou queira — tenha **sentido e bom sentido** para mim.

Resumindo os atributos do pensar de Ortega: a vida é sempre pessoal, circunstancial, intransferível e responsável. Conseqüência de tudo isso é que a vida humana é, por essência, **solidão**.

José Ferrater Mora, no seu Dicionário de Filosofia", sintetiza o fulcro do pensar orteguiano. Observem: "... a vida é problema, que fazer, preocupação consigo mesma, programa vital e, em último termo, "naufrágio" — um naufrágio de que o homem aspira a salvar-se agarrando-se a uma tábua de salvação: a cultura. Por isso a vida é também drama e por isso não pode ser uma realidade biológica, senão biográfica."

Aplicando seus princípios filosóficos ao fenômeno social e político da ascensão do homem da classe média européia, Ortega nos afirma em noutro livro, "A Rebelião das Massas": "Não creio na absoluta determinação da história. Pelo contrário, penso que toda vida, e portanto, a história se compõe de puros instantes, cada um dos quais está relativamente indeterminado com respeito ao anterior, de sorte que nele a realidade vacila, **piétine sur place**, e não sabe bem se se decidir por uma ou outra entre várias possibilidades."

Embora sem ter conhecido a revolução científica da era atômica — era que estamos vivendo neste fim do século XX, não sem graves apreensões — Ortega já proclamava, profeticamente, na década de trinta: "Tudo, tudo é possível na história — tanto o progresso triunfal e indefinido quanto a periódica regressão. Porque a vida individual ou coletiva, pessoal ou histórica, é a única entidade do universo cuja substância é perigo. Compõem-se de peripécias. É rigorosamente falando, drama."

BIBLIOGRAFIA DE ORTEGA

Sua bibliografia não é tão vasta, como se poderia supor. Todavia, reúne uma série de livros — sobretudo ensaios — valiosíssimos. Eis as obras que conseguimos ler, nos últimos dois anos, quase todas da Coleção Austral — Espasa — Calpe S.A., Madrid:

"IDEAS Y CREENCIAS" — 3ª ed., 1945.

"NOTAS" — 6ª ed., 1949.

"LA CAZA Y LOS TOROS" — 1ª ed., 1962.

"MOCEDADES" — 6ª ed., 1964.

- "MEDITACIONES DEL QUIJOTE – IDEAS SOBRE A NOVELA" – 1ª ed. 1964.
- "ESPIRITU DE LA LETRA" – 1ª ed., 1965.
- "VELÁZQUEZ" – 2ª ed., 1970.
- "TRIPTICO – MIRABEAU O EL POLITICO – KANT-GOETHE" – 9ª ed., 1972.
- "EL LIBRO DE LAS MISIONES" – 9ª ed., 1976.
- "EL TEMA DE NUESTRO TIEMPO" – 14ª, 1980.
- "QUE ES FILOSOFIA" – 3ª ed., 1981. (Há tradução brasileira de L. Washington Vita – Rio, 1961).
- "GOYA" – Ed. da Rev. do Occidente. – Madrid, 1958.
- "LAS ATLANTIDAS" – Ed. Sudamericana – Buenos Aires – 3ª ed., 1951.
- "EL ESPECTADOR" – (Antologia) – Sel. e Prólogo de Gaspar Gómez de la Serna – Salvat Ed. S.A. – Alianza Editorial S.A. – Madrid, 1969.
- "UNAS LECCIONES DE METAFISICA" – Alianza Editorial S.A. – Madrid, 1965.
- "KANT. HEGEL. DILTHEY". – Rev. do Occidente – Madrid, 1965.

TRADUÇÕES

- "ESTUDOS SOBRE O AMOR" – Trad. de L. Washington Vita – Livro Ibero-Americano Ltda. – Rio, 1960.
- "O HOMEM E A GENTE" – Trad. de J. Carlos Lisboa – Introdução de Luis Recassens Siches – Livro Ibero-Americano – Rio, 1960.
- "A REBELIÃO DAS MASSAS" – Trad. de Herrera Filho – Pref. Pedro Calmon – Livro Ibero-Americano – 2ª ed. Rio, 1960.
- "ORIGEM E EPÍLOGO DA FILOSOFIA" – Livro Ibero-Americano – Introd. de José Ferrater Mora – Trad. de L. Washington Vita – Rio, 1963.
- "MEDITAÇÃO DA TÉCNICA" – Livro Ibero-Americano – Rio, 1963.

OUTRAS OBRAS

- "ESPAÑA INVERTEBRADA" –
- "MEDITACIÓN DEL PUEBLO JOVEN" – 1958.
- "EN TORNO A GALILEO" –
- "EL ESPECTADOR" – (Oito volumes).

Suas OBRAS COMPLETAS, em onze volumes, tiveram publicados os dois primeiros em 1946, do III ao VI em 1947; VII em 1961; VIII e IX em 1962; X e XI em 1969, todos em Madrid.

NÃO FIGURAM NAS OBRAS COMPLETAS:

“LA REDENCIÓN DE LAS PROVINCIAS Y LA DECENCIA NACIONAL – 1931.

“RECTIFICACIÓN DE LA REPUBLICA” – 1931.

OUTRAS OBRAS

“VIAJE Y NUEVA POLITICA” – 1914.

“PERSONES, OBRAS, COSAS” – 1916.

“A DESHUMANIZACIÓN DEL ARTE I IDEAS SOBRE A NOVELA” – 1925.

“HISTORIA COMO SISTEMA Y DEL IMPERIO ROMANO” – 1941.

“TEORIA DE ANDALUCIA Y OTROS ENSAYOS” – 1942.

“ESQUEMA DE LAS CRISES” – 1942.

“DOS PROLOGOS. A UN TRATADO DE MONTERIA. A UNA HISTORIA DE LA FILOSOFIA” – 1945.

“PAPELES SOBRE VELÁZQUEZ Y GOYA” – 1947.

“EPISTOLARIO” – 1947.

“IDEA DEL TEATRO” – 1958.

“PROLOGO PARA ALEMANES” – 1958.

“LA IDEA DE PRINCIPIO EN LEIBNIZ Y LA EVOLUCIÓN DE LA TEORIA DEDUCTIVA” – 1958.

“UNA INTERPRETACIÓN DE LA HISTORIA UNIVERSAL EN TORNO DE TOYNBEE” – 1960.

“VIVES-GOETHE” – 1961.

“PASADO Y PORVENIR PARA EL HOMBRE ACTUAL” – 1962.

MISSÃO DO BIBLIOTECÁRIO – O LIVRO

No “EL LIBRO DE LAS MISIONES”, Ortega y Gasset estuda três problemas importantes: a missão do bibliotecário; a missão da Universidade e, por último, a complexidade da tradução.

Sucintamente, vejamos fragmentos do discurso que proferiu no Congresso Internacional de Bibliotecários, realizado em Madrid, em 1935.

Foi após a revolução francesa, transformando a sociedade européia, que se acentuou a fé no livro, já no Renascimento. Ressalta Ortega: "A sociedade democrática é filha do livro, é o triunfo do livro escrito pelo homem escritor sobre o livro revelado por Deus e sobre o livro das leis ditadas pela autocracia."

A importância desse instrumento transmissor de cultura — o livro — é revelada desta forma: "Todo tigre é o primeiro tigre. Tem que começar desde o princípio sua profissão de tigre. Porém, o homem de hoje não começou a ser homem, senão que herda já as formas de existência, as idéias, as expressões vitais de seus antecessores, e parte, pois, do nível que representa o passado acumulado sob seus pés. Ante um problema qualquer, o homem não se encontra só com sua reação pessoal, com o que boamente a ele ocorre, senão com todas ou muitas das reações, idéias, invenções que os antepassados tiveram. Por isso sua vida está feita com acumulação de outras vidas; por isso sua vida é substancialmente progresso; não discutamos agora se progresso até o melhor, até o pior ou até nada."

Refere Ortega que Platão, há vinte e três séculos, no FEDRO, já se esforçava por nos transmitir o que é um livro — o que ele chamava de "dizeres escritos". Por sua vez, Ortega nos esclarece: "O livro é, pois, o dizer exemplar que, por isso mesmo, leva em si essencialmente o requerimento de ser escrito, fixado, já que ao ficar escrito, fixado, é como se virtualmente uma voz anônima o estivesse dizendo sempre, ao modo como os "moinhos de orações", no Tibet, encarregam o vento de rezar perpetuamente. Este é o primeiro momento do livro como autêntica função viva: está, em potência, dizendo sempre o que há que dizer."

Fala-nos, também, dos mais graves atributos negativos do livro — sua quantidade infinita, os livros inúteis e estúpidos, entendendo que ao bibliotecário compete fazer-se "domador do livro enfurecido." Imagina mesmo, no futuro, o bibliotecário regulando a produção do livro, evitando que se publiquem os inessários e estimulando que não falem aqueles que os problemas vivos de cada época reclamam.

Noutro volume, "ESPIRITU DE LA LETRA", Ortega nos dá definição do livro que nos parece obra-prima na espécie: "O que é um livro? O que um homem faz quando tem um estilo e vê um problema. Sem um e sem outro não há livro. Isento de estilo, um livro é um borrão. Isento de problema, papel impresso. O problema é a víscera cordial do livro."

Já em 1908, através de artigo publicado no "O Imparcial", (21.7) Ortega y Gasset considerava "inservível" a Biblioteca Nacional de Madrid pela pobreza de livros científicos modernos. Criticava o regulamento anacrônico da instituição, cujos livros ali estavam não para que

fossem lidos sob certas garantias, mas para que ninguém os levasse, mesmo que ninguém os lesse. Conclui com estas palavras: "Creio que uma biblioteca de livros científicos (e claro está que isto quer dizer livros científicos estrangeiros) é instituição muito mais urgente que esse teatro nacional projetado. Pode viver dignamente uma nação sem um Teatro Nacional; sem uma biblioteca medianamente provida, Espanha vive desonrada."

OPROBLEMA DA TRADUÇÃO – A LINGUAGEM

O problema da tradução foi alvo de superiores considerações por parte de Ortega y Gasset. Questionava-se, na época, se alguns filósofos e escritores poderiam ser traduzidos. De um ponto de vista filosófico, Ortega afirmava que "nenhuma dessas coisas se pode fazer, que se fica em mera pretensão, vão projeto e ademais inválido." Acrescenta: "O destino — o privilégio e a honra — do homem é não conseguir nunca o que se propõe e ser pura pretensão, vivente utopia. Parte sempre para o fracasso e antes de entrar na luta leva já ferida a frente."

Se assim é em relação às grandes pretensões — dizemos nós — o que dizer da humilde tarefa da tradução?

A tarefa da tradução foi definida em sua essência pelo teólogo Schleiermacher: "Ou se traz o autor à linguagem do leitor ou se leva o leitor à linguagem do autor." O mais são pseudotraduções — afirma Ortega. Mas, adverte: "É preciso que o leitor saiba de antemão que ao ler uma tradução não vai ler um livro literariamente belo, senão que vai usar um instrumento bastante enjoado, porém que o vai levar de verdade transmitir dentro do pobre homem Platão, que há vinte e tantos séculos se esforçou a seu modo por sustentar-se sobre a face da vida."

Ortega vai ao fundo do fenômeno da linguagem para nos esclarecer que é ilusório supor que se possa dizer o que se pensa. "A linguagem — diz ele — não dá para tanto. Diz-se, pouco mais ou menos, uma parte do que pensamos, e põe-se uma vala intransponível à transfusão do resto. "Adiante: "... o lingüista conhece só as línguas dos povos, porém, não seus pensamentos". Discordando da afirmação de Meillet, segundo a qual "toda língua expressa quanto é necessário à sociedade de que é órgão", diz: "A língua vasca, por mais perfeita que a queira o lingüista, esqueceu de incluir em seu vocabulário um signo para designar a palavra Deus. Por isso cunhou a expressão "senhor do alto." Especifica: "... a língua não só põe dificuldades à expressão de certos pensamentos, senão também estorva a recepção de outros, paralisando nossa inteligência em certas direções." Fala-nos de que há "um equívoco perpétuo oculto nessa idéia de que a fala nos serve para manifestar nossos pensamentos." "... constantemente

te — acrescenta — ao falar ou escrever **renunciamos** a dizer muitas coisas porque a língua não nos permite." "... a efetividade do falar não é só dizer, manifestar, senão que, ao mesmo tempo, é inexoravelmente renunciar a dizer, calar, silenciar." Completa seu pensamento com estas belas afirmações: "Um ser que não fora capaz de renunciar a dizer muitas coisas seria incapaz de falar. E cada língua é uma equação diferente entre manifestações e silêncios. Cada povo cala umas coisas para poder dizer outras. Porque **tudo** seria indizível. Daí a enorme dificuldade da tradução: nela se trata de dizer em uma língua precisamente o que este idioma tende a silenciar. E arremata com um pensamento de Goethe: "Só entre todos os homens é vivido por completo o humano."

Critica Ortega a estrutura da frase indo-européia que está, como se sabe, na raiz das nossas línguas — quanto aquela "transcreve uma interpretação da realidade para a qual o que acontece no mundo é sempre uma ação de um agente sexuado." Esclarece dizendo que "o mundo tal e como ele se nos oferece não está composto de "coisas" radicalmente separadas e francamente distintas. Em rigor, tudo é diferente de tudo, porém, também se parece um pouco a tudo." Cita Goethe: "... as coisas são diferenças que nós criamos."

Como justificar — perguntamos nós — que um livro é masculino, a casa é feminina, o mar é masculino em português e feminino em francês e assim por diante?

Diz Ortega: "O indo-europeu acreditava que a mais importante diferença entre as coisas era o sexo e deu a todo objeto, um pouco indecentemente, uma qualificação sexual." Enquanto nós só temos os gêneros masculino, feminino e neutro — os bantos — lembra Ortega — apresentam vinte e quatro signos classificatórios. Em Eise — acrescenta — há trinta e três palavras para expressar as formas do andar humano. E em árabe existem cinco mil setecentos e catorze nomes para o camelo. "Tudo porque as línguas procedem de quadros mentais distintos, de sistemas intelectuais díspares, de filosofias divergentes." Conclui Ortega: "Esta a questão que desejava sugerir, e este o meu pensamento. Nossas línguas são instrumentos anacrônicos. Ao falar somos humildes reféns do passado."

Numa conferência que pronunciou em La Plata, Argentina, em 1939, a que intitulou "Meditación del Pueblo Joven", Ortega se refere ao que considerava "estranho porém inevitável paradoxo: que o falar, o autêntico falar se compõe principalmente de silêncios."

Para ele, a próxima grande liberação do homem, a mais funda, talvez, a decisiva será a rebelião contra a linguagem, que escraviza a raiz mesma do ser humano, que é seu pensar, seu pensar desde sempre aferilhado ao cárcere inexorável do idioma."

Entre as considerações sobre a linguagem, destaca a que considerava a mais grave, quando diz: “não existiria a linguagem, não poderíamos dizer nada se pretendessemos em cada instante dizer tudo o que temos que dizer nesse instante.” Acrescenta: “Para dizer algo, nada menos que algo, temos que renunciar a dizer tudo o demais. Dá exemplo que considera “extremo e caricaturesco”: a pessoa que entra num bar e grita ao garçon:

— “Blanca” — e eis aqui que o garçon entende essa palavra mágica.

Entende muitas coisas que o cliente não disse: entende que seu organismo necessita uma certa bebida alcoólica da espécie chamada “cerveja”, que tem duas variedades, a **branca** e a **negra**, das quais solicita a primeira. Nada disso foi dito — acrescenta Ortega. Só souu a palavra “blanca”, que significa, isolada e por si, inumeráveis outras coisas: um signo musical, uma rainha de França, uma moeda de prata, etc. etc. Todavia, todas aquelas outras coisas que a mesma palavra “blanca” significa foram silenciadas, porque se deu por suposto, por entendido, que se referia à palavra “blanca” cerveja.

Porém, pergunta ele — que é o suposto? Quem e como se supõe o que não se disse, o que não se põe (no suposto)? Acrescenta: “Se esse mesma pessoa gritasse “blanca” numa igreja — é evidente que ninguém a entenderia. Seria considerado louco. Ressaltando, assim, a escandalosa vacilação da linguagem, adianta: “A diferença está, pois, no lugar e ocasião em que se diz, o suposto supõe a situação. A situação se encarrega de dizer o que nossa fala silencia. Porém, a situação não é a linguagem, a situação é a realidade mesma da vida, é a circunstância que varia com o instante e com o lugar. E, no entanto, é ela quem põe tudo o que se supõe, quem diz sem falar tudo o que nosso dizer cala. Graças a ela, graças a que a circunstância nos é conhecida, a linguagem deixa de ser equívoco.” Exclamá: “Senhores, sejamos justos: abaixo a linguagem e viva a circunstância! Posto que esta é mais eloqüente que aquela, sem pretendê-lo, sem vocabulário, sem gramática, simplesmente **sendo**, estando aí.” Porém, notem, que, em toda circunstância na qual e desde a qual falamos, há sempre dois elementos principalíssimos: um que fala e outro ou outros que escutam. Falar é dizer alguém algo a outro alguém. Se na compreensão do que dizemos é a circunstância quem põe a maior parte e não a língua, é evidente que cada palavra muda de significado constantemente, segundo seja quem diz e segundo seja quem ouve. Lembra, por fim, a fórmula: “Se dois dizem o mesmo, não é o mesmo.” Porque tudo depende da circunstância do que fala e do que ouve. Daí também — dizemos nós — a precariedade da fala e do entendimento em termos internacionais.

No livro “O HOMEM E A GENTE”, expõe suas idéias sobre uma nova lingüística, a que chama “Teoria do Dizer.” Ele parte da pre-

missa de que o dizer, o expressar-se, o manifestar-se é estágio mais profundo do que a fala, do que a língua. É anterior a essa língua que está sendo falada aí na rua, que nos foi imposta pelo condicionamento social. Esse idioma que está aí e tantos outros foram criados pelos homens primitivos e seus descendentes, segundo suas necessidades de comunicação. Mas esses modos da língua não nos satisfazem, “não bastam para dizer o que se tem de dizer.” Como expressar o que se tem de silenciar numa conversação? Ortega dizia que “o inglês cala inumeráveis coisas que os espanhóis costumam dizer. E vice-versa.”

A lingüística estuda a língua tal e qual como já está feita. Mas, se a língua nunca está feita: mas, fazendo-se sempre, como tudo que é humano?

Lembra que “a fala não consiste só em palavras, em sonoridades, em fonemas. A produção de sons articulados é só um lado do falar. O outro lado é a gesticulação total do corpo humano enquanto se expressa, incluindo aí: movimento de mãos, braços, pernas, mas também leves modificações do tom muscular nos olhos, faces, etc. Ortega acrescenta que todos os lingüistas estão dispostos a reconhecer isso oficialmente, mas não o tomam a sério. E frisa: “Falar é gesticular.” Por último, vê Ortega que essa gesticulação peculiar a cada povo” contribui, mais do que se costuma reconhecer, para distância e hostilidade entre uns e outros homens.”

MISSÃO DA UNIVERSIDADE

A Federação Universitária Escolar de Madrid pediu a Ortega y Gasset, em 1930, uma palestra sobre reforma universitária. Atendeu à solicitação e ampliou, posteriormente, sua fala num ensaio intitulado “Misión de la Universidad”, embora declarando tratar-se apenas de uma antecipação sobre futuro curso em torno da idéia da Universidade.

Diz-nos: “Uma instituição é uma máquina e toda a sua estrutura e funcionamento hão de ser prefixados pelo serviço que dela se espera. Em outras palavras: a raiz da reforma universitária está em acertar plenamente com sua missão.” Tudo que se fizer nesse sentido — acrescenta — “sem claridade enérgica, decisão e veracidade, visando o problema de sua missão — serão penas de amor perdidas.”

Critica tendências que visam copiar sistemas escolares ou universitários estrangeiros. Traz-nos exemplos do curso médio na Inglaterra e da Universidade alemã. Entende que essas instituições — mesmo que fossem perfeitas — ainda assim seriam intransferíveis. Porque elas são apenas uma porção daqueles países. “Sua realidade íntegra é o país que as criou e mantém.”

Isso nos lembra o que se tem feito no Brasil, copiando-se servilmente o sistema universitário norte-americano. E todos esquecem que aquele sistema é apenas uma parte da realidade global da nação. O que Ortega preconiza é que se busque no estrangeiro "informação, porém, não modelo."

Um problema agudo dos nossos dias. Diz ele: Todos os que recebem aprendizado superior não são todos os que podiam e deviam recebê-lo, são só os filhos de classes acomodadas — para usar a própria palavra espanhola. Acrescenta: "A Universidade significa privilégio dificilmente justificável e sustentável."

Ferindo o tema do acesso dos trabalhadores e seus filhos à Universidade, proclama: "... a tarefa de abrir a Universidade ao operário é em mínima parte questão da própria universidade e é quase totalmente questão do Estado. Só uma grande reforma deste — o Estado — fará efetiva aquela." A extensão universitária para ele — fracassou em todos os seus intentos nessa questão.

*

Em que consiste o ensino superior oferecido pela Universidade? Ele nos responde:

a) o ensino das profissões intelectuais.

b) a pesquisa científica e a preparação de futuros pesquisadores.

Portanto, o ensino superior consiste em preparar profissionais — médicos, advogados, engenheiros, etc, — e pesquisadores. Vê então aí uma incoerência: unir ensino profissional — que é para todos — e a pesquisa — que é para poucosíssimos. A vocação para a ciência — frisa — é "especialíssima e infreqüente."

*

É certo que todo estudante precisa ter "cultura" geral" — termo que ele critica, pois "cultura" não pode ser senão geral. Mostra a confusão de conceitos que se vêm perpetuando, quando afirma: "Não se é culto em física ou em matemática. Isso é ser sábio na matéria."

Afirma que todo homem precisa ter idéias claras e firmes sobre o universo, convicções positivas sobre o que são as coisas e o mundo." Isso é cultura geral, ou como define: "Cultura é o que salva do naufrágio vital, o que permite ao homem viver sem que sua vida seja tragédia sem sentido ou radical aviltamento." Adiante: "Cultura é o sistema vital de idéias em cada tempo." Demonstra que o caráter catastrófico da Europa resulta dos

seus homens da classe média — o francês, o alemão, o inglês, etc, — serem incultos. Eles não têm um sistema vital de idéias sobre o homem e o seu tempo correspondente.

E o que dizer do homem da classe média no Brasil? — perguntamos nós. Daí o quase caos financeiro e econômico em que nos encontramos mergulhados, sem enxergar o fundo do túnel. Incultura é o que é, segundo a interpretação orteguiana.

*

Ortega y Gasset condena o profissionalismo e especialismo do homem europeu, enquanto esse homem “sabe muito de uma coisa e ignora de raiz todas as demais.” Tarefa prioritária da Universidade, para ele, seria socorrer esse homem europeu, “esfarrapado em pedaços”, transmitindo à nova geração o sistema de idéias sobre o mundo e o homem. Por isso entende que o ensino universitário deve integrar estas três funções:

I — Transmissão da cultura.

II — Ensino das profissões.

III — Pesquisa científica e educação de novos homens de ciência.

A universidade — para ele — tem fracassado com a “massa fabulosa de estudos” que pretende ensinar. Isso é irreal — acrescenta — lembrando a sentença de Leonardo da Vinci: “O que não pode o que quer, que queira o que pode.” Posiciona-se desta forma: “Em vez de ensinar o que, segundo um utópico desejo, **deveria** ensinar-se, há que ensinar **só** o que se **pode** ensinar, quer dizer, o que se pode **aprender**.”

*

Outro ponto importante na visão orteguiana está na afirmação de que, “na construção da universidade, há que partir do estudante, não do saber nem do professor. A universidade tem que ser a projeção institucional do estudante, cujas duas dimensões essenciais são: uma, o que ele é: escassez de sua faculdade aquisitiva de saber; outra, o que ele necessita saber para viver.”

Na agitação estudantil em todo o mundo, vê três fatores ponderáveis: “a inquietação política do país, a substância nacional que se estremece; a série de concretos e incríveis abusos que cometem alguns professores; e, o que é mais importante e decisivo, que se centre a Universidade no estudante e não no professor, como o foi em sua hora mais autêntica.” Exorta os estudantes a “eliminar os ingredientes torpes de seus movimentos e acentuarem estes outros em que têm toda a razão.”

Diz mais, contrariando aqueles que querem policiar internamente a universidade com métodos violentos e medievais: "São os estudantes que, previamente organizados para isto, devem dirigir a ordem interior da Universidade, assegurar o decoro dos usos e maneiras, impor a disciplina material e sentir-se responsáveis por ela."

*

Vários outros aspectos são abordados por Ortega y Gasset a respeito da missão da Universidade. Insiste em que "se deve devolver à instituição sua tarefa central de ilustração do homem, de ensinar-lhe a plena cultura do tempo, de descobrir-lhe com clareza e precisão o gigantesco mundo presente, onde tem que encaixar sua vida para ser autêntica." Por esse motivo faria de uma Faculdade de Cultura o núcleo da Universidade e de todo o ensino superior. Essa tendência já foi preconizada e implantada pela universidade brasileira, quando elegeu, no passado, as Faculdades de Filosofias como o núcleo da instituição. Com as reformas universitárias subseqüentes, criação de centros congregando departamento com disciplinas afins, as Faculdades de Filosofia perderam seu papel preponderante inicial e até suas denominações. O que a nós, também, nos parece erro inqualificável.

*

Duas das maiores figuras intelectuais do nordeste e do Brasil, Luís da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre — prestaram depoimento especialmente para esta palestra. Indagamos a Cascudo se poderíamos considerá-lo discípulo de Ortega y Gasset. Resposta do Mestre, no primeiro momento:

— Veríssimo, ninguém é discípulo de ninguém.

Depois, meditando mais, respondeu:

— Eu sou, talvez, discípulo de Goethe.

A Gilberto Freyre — antes de sessão da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na qual foi homenageado pela passagem dos 709 anos de atividades jornalísticas, fizemos a mesma pergunta. Ele nos disse:

— Tenho o maior respeito por Ortega y Gasset. Foi ele quem recomendou a tradução de "Casa-Grande & Senzala" na Argentina. Mas, eu diria que sou mais discípulo de Unamuno.

As duas indagações visavam sondar até onde iria a admiração dos dois notáveis escritores em relação à figura extraordinária, que apreciamos neste ensaio. Verificamos agora, com satisfação, que ambos se

confessaram admiradores convictos do filósofo e humanista espanhol, externando seu entusiasmo pela sua obra monumental, — embora sem se considerarem seus discípulos diretos.

*

Com estas considerações, estamos concluindo nossa fala sobre o universo maravilhoso do pensamento atualíssimo do Mestre José Ortega y Gasset, cujo centenário de nascimento transcorreu em 1983.

Teríamos dito algo aproveitável? Teríamos transmitido talvez idéia pálida do microcosmo desse pensador extraordinariamente lúcido e fecundo?

Ocorre-nos o perigo daquela deficiência que ele próprio relembra: se praticamente tudo ou quase tudo que aí colocamos foi na base da tradução — teríamos sido fiéis às palavras de Ortega y Gasset? E ao seu pensamento? — que as palavras nem sempre ou nunca expressam convenientemente?

Em verdade, lendo e relendo esta palestra, para sentirmos até onde conseguimos alcançar a extensão imensa do pensamento de Ortega y Gasset, lembramo-nos de fato impressionante que o próprio filósofo e ensaísta registra no livro "MEDITACIONES DEL QUIJOTE", pág. 93:

"Conta Parrey que em sua viagem polar avançou um dia inteiro em direção Norte, fazendo galopar valentemente os cães de seu trenó. À noite verificou as observações para determinar a altura a que se achava e, com grande surpresa, notou que se encontrava muito mais ao sul que de manhã. Durante todo o dia havia-se afanado até o Norte, correndo sobre um imenso bloco de gelo que uma corrente oceânica arrastava até o Sul."

Será que nós, também — apesar da nossa melhor intenção — ao iniciarmos esta viagem para alcançar a direção Norte da obra orteguiana não estaríamos igualmente sentados num bloco de gelo da nossa deficiência, tendo sido arrastados até o Sul?

Apesar de tudo, terminamos com uma boa frase de Ortega y Gasset, que de certa forma nos consola e compensa do modesto trabalho realizado: "Para quem o pequeno não é nada, não é grande o grande."